



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2014: SIC - XXVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2014
<b>Local</b>	Porto Alegre
<b>Título</b>	O falseamento de teorias científicas e a verificação de enunciados básicos na filosofia de Karl Popper
<b>Autor</b>	FRANCIELI KANTORSKI DEZORDI
<b>Orientador</b>	EROS MOREIRA DE CARVALHO

Dada à impossibilidade lógica da verificação de teorias científicas, Karl Popper argumenta ser através da possibilidade de refutação destas que a ciência deve prosseguir em direção à verdade. Aceitando a verificação de um enunciado básico que contraria a teoria em questão, essa teoria pode ser dada por falseada através do método dedutivo caso esse mesmo enunciado corrobore outra hipótese alternativa (mesmo existindo um amplo histórico de - enunciados básicos verificados - que tenham corroborado a hipótese falseada). A pretensão é que a teoria que venha a substituir a teoria falseada tenha pelo menos um erro a menos que a anterior; que afirme e restrinja tanto ou mais que ela, mas que resista aos testes pelos quais a outra foi falseada.

Entre as várias objeções recebidas, uma delas é que o conhecimento da falsidade de teorias não nos aproxima necessariamente da verdade. A teoria substituta pode resistir aos testes que falsearam a antiga, mas pode ser falsa em muitos outros aspectos nos quais a outra não era – não nos dando garantia de que a hipótese vigente tenha pelo menos um erro a menos que a antiga. Nossos testes, assim como nosso conhecimento, são limitados. Outro ponto crucial é que, nem sequer poderíamos verificar a falsidade de alguma teoria. Para isso teríamos de verificar um enunciado singular que contradiga a teoria. Porém, como o próprio Popper reconheceu, ao tentarmos justificar determinado enunciado básico caímos sobre o problema da base empírica e o trilema de Fries - ou a justificação é por regressão ao infinito, ou dogmatismo, ou bem, psicologismo. Sem a verificação/justificação de enunciados básicos, o falseamento de teorias é indevido.

A posição de Popper quanto à verificação de enunciados básicos que venham a refutar alguma teoria é a de que são justificados por um tipo de dogmatismo, mas um dogmatismo inócuo. São aceitos por convenção (de especialistas), mas sempre ficam abertos à revisão. Dado serem intersubjetivamente suscetíveis a teste e, de preferência, altamente falseáveis, eles são tidos por verificados apenas à medida que, após suficientemente testados, não existir algum motivo para dá-los por falso. Sendo assim, a teoria falseada só será refutada em um sentido mais fraco. Ela não estará garantidamente falseada, mas sim provisoriamente. E só será substituída por outra teoria, se esta outra afirmar tanto ou mais e, ainda, resistir ao teste pelo qual a anterior foi refutada (sendo a verificação do enunciado falseador da antiga teoria uma corroboração da nova hipótese). Por um lado, não perdemos os méritos da teoria caso a refutação venha a se mostrar equivocada, por outro, é razoável que, sendo a outra teoria substituta suscetível aos mesmos testes e a eles resistindo, seja considerada igualmente corroborada (e se for mais falseável, mais corroborada).

Apesar de não termos garantia de que a cada falseamento nos aproximamos da verdade e que a nova hipótese possui, pelo menos, um erro a menos; temos um método crítico o suficiente para não aceitarmos por definitivamente falseadas teorias possivelmente verdadeiras, nem darmos por verdadeiras hipóteses possivelmente falsas.